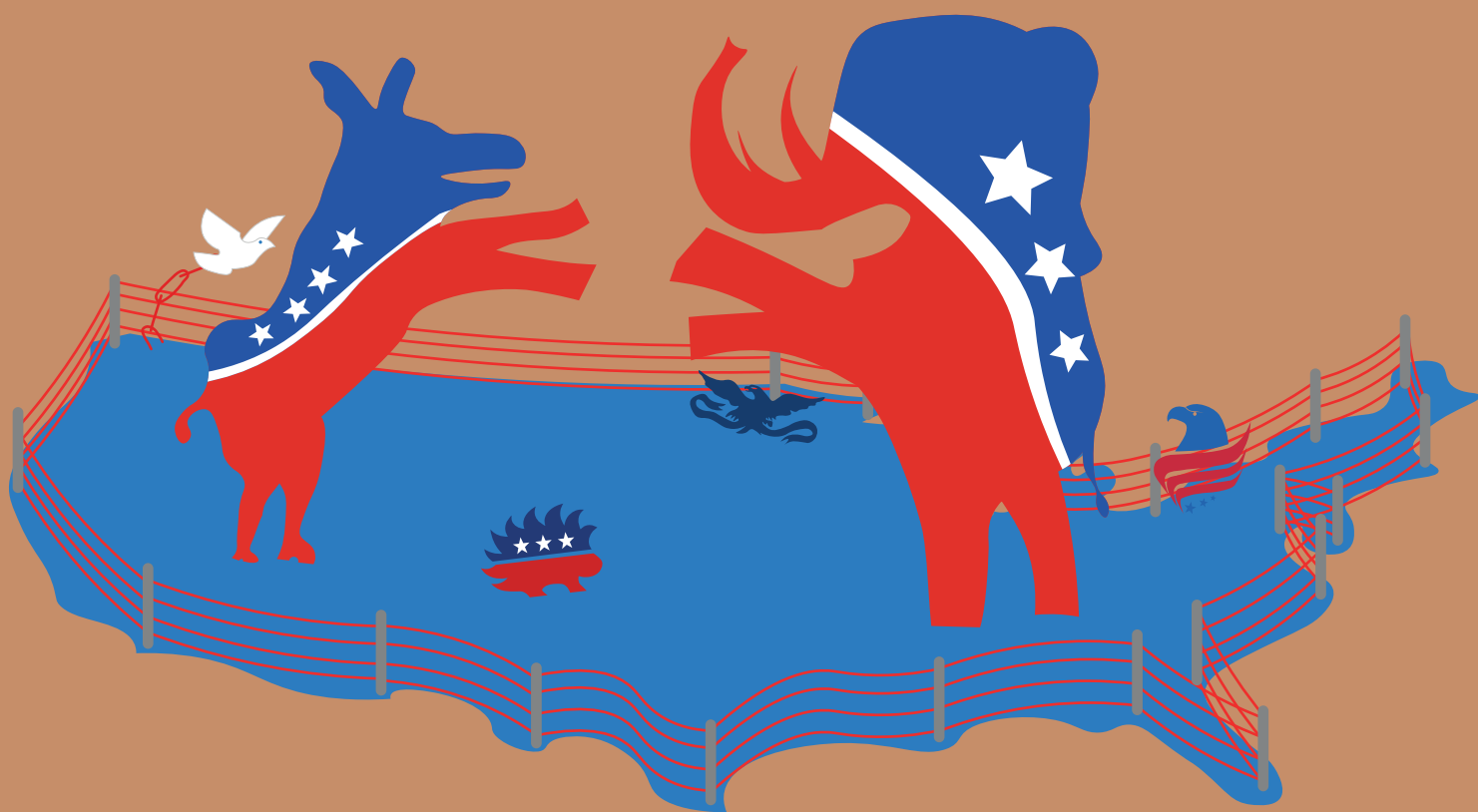


DPOLITIK

Edição 3 (setembro/outubro), ano I

A LUTA DO ANO



a corrida pela Casa Branca está chegando perto de seu fim, mas esta disputa pelo cargo mais poderoso da Terras só fica mais desafiadora

prefácio

DPolitik é uma revista feita por internacionalistas para estudantes de Relações Internacionais, assim como para futuros estudantes, internacionalistas ou qualquer pessoa que tenha interesse nos assuntos que envolvem as relações internacionais e quer ter acesso a análises do cenário internacional, mas também do nacional. Nós procuramos trazer os temas mais pertinentes do momento, deixando nossos leitores bem informados, mas também de uma maneira divertida! Por isso, usamos muitos gráficos, imagens e damos dicas para que você se divirta enquanto usa conceitos internacionalistas!



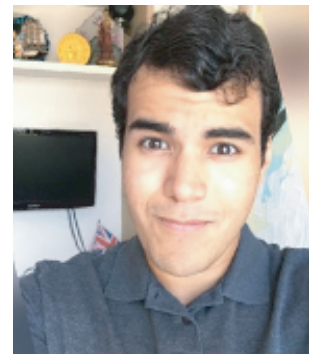
E aqui estamos nós, os internacionalistas responsáveis por esta edição do DPolitik!



Bianca Mendes



Barnabé Lucas



Caio Ponce de Leon

Esperamos que você tenha uma ótima leitura desta primeira edição do DPolitik e que as informações e análises trazidas aqui possam ser úteis para você!

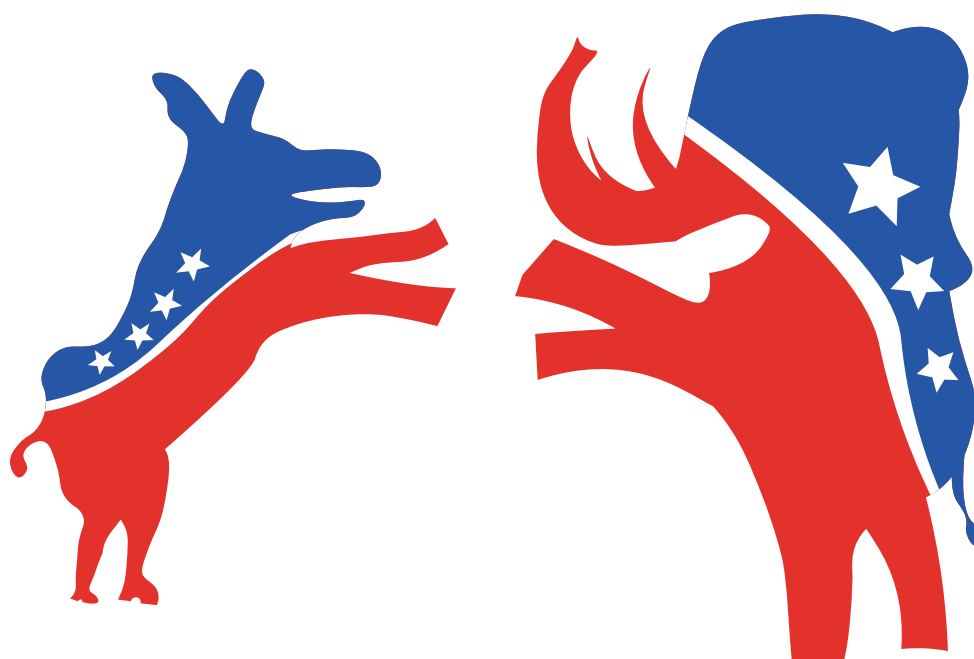
Para mais informações acesse dpolitik.com.br !
Você também pode nos seguir nas redes sociais:
Instagram: [@dpolitik.br](https://www.instagram.com/dpolitik.br)
Twitter: [@dpolitik_br](https://twitter.com/dpolitik_br)
Facebook: DPolitik
ou escreva-nos um email pelo endereço:
contato@dpolitik.com.br !



índice

Veja abaixo os assuntos e onde encontrá-los nesta edição do DPolitik!

- 4 [além do mainstream](#)
“Na rinha dos poderosos, o cachorro põe o tutor na coleira” - artigo de nosso colunista mestrando Caio Ponce de Leon
- 6 [seção da capa](#)
eleições americanas
 - 8 [o sistema eleitoral americano](#)
 - 12 [eleições de 2004 a 2016](#)
 - 16 [a eleição de 2020](#)
- 18 [bizarRI](#)
situações bizarras no mundo
- 20 [RI além das RI](#)
análise o jogo “Assassin’s Creed” sob as lentes das RI
- 22 [nem só de texto se vive](#)
indicações de filmes, séries e jogos que envolvem temáticas das RI



Na rinha dos poderosos, o cachorro põe o tutor na coleira

Nosso colunista internacionalista e mestrandando em Ciência Política e Relações Internacionais Caio Ponce de Leon trata sobre os dois primeiros debates presidenciais nos EUA.

O primeiro debate presidencial para as eleições americanas de 2020 ocorreu nesta terça (29). Se se pesquisar "debate presidencial americano" será possível encontrar comentários sobre a apresentação de ontem. Mas, pesquisar "rinha de presidenciais" provavelmente também dará os mesmos resultados. Chamado de "monólogo" por alguns, ou "caos" por outros, a verdade é que os noventa minutos de troca de farpas entre Donald Trump (republicanos) e Joe Biden (democratas) foi tudo menos um debate.

O atual presidente americano já havia mostrado como é o seu estilo de fazer debates na eleição de 2016. Nos embates com Hillary Clinton, Trump passava momentos inteiros fazendo monólogos e, no momento de fala de sua adversária, interrompia-a constantemente. O ex-vice-presidente, Joe Biden, também não ficou muito para trás. Titubeando em suas falas, não conseguia desenvolver seus argumentos e apelava para frases menos rebuscadas como "shut up, man" (cala a boca, cara) ou "would he shush?" (ele vai se calar?). Suas respostas aos comentários ácidos de Trump, quando o moderador pedia que o presidente deixasse seu oponente terminar suas frases, eram igualmente infantis e não pareciam mostrar um candidato forte.

Depois de acusações e brigas (até mesmo com o moderador), os dois candidatos falharam em apresentar quaisquer propostas concretas para os EUA. Biden tentou trazer propostas ao olhar para câmera e falar com a audiência, enquanto Trump falava mais alto e o moderador continuava perdendo o controle

das falas. Trump continuou acusando o adversário de trazer o "socialismo" para o país, defendendo-se da acusação de que teria sonegado impostos e culpando as notícias falsas da mídia contra seu mandato. Um ponto, porém, ficou marcado da fala do atual presidente: sua incapacidade em condenar grupos de supremacistas brancos.

Além disso, quando questionados se aceitariam a perda nas urnas e pediriam para que seus eleitores, ou grupos apoiadores, aceitassem a derrota, os presidenciais passaram mensagens opostas. Enquanto Biden afirmou que reconheceria a derrota tranquilamente, Trump voltou a denunciar as "fraudes" que estariam acontecendo, pediu para que seus grupos "observassem com bastante cuidado" as seções eleitorais. Trump deu a entender que, caso ele não ganhe, a eleição terá sido fraudulenta e ele "não pode aceitar isso".

O fiasco do primeiro debate levou oficialmente a mudanças nas regras do segundo, entre os candidatos à vice-presidência. Na prática, porém, parece que o bom senso dos vice-presidenciais foi o que deu o tom do debate.

Surpreendentemente, os candidatos conseguiram passar as ideias que suas chapas têm como plataforma de governo - algo que os presidenciais não conseguiram. As interrupções de Mike Pence a Kamala Harris, que lhe respondia à altura, pareciam extremamente civilizadas se comparadas aos apartes forçados que Donald Trump fazia sobre as falas de Joe Biden.

Mesmo após a confirmação e "cura" a jato da Covid do presidente Trump, o segundo debate entre os presidenciais foi cancelado e paira a dúvida sobre se ainda haverá debates até a eleição no início de novembro. Para os brasileiros que decidiram sintonizar nos debates, uma coisa foi certa: em termos de debate, o Brasil se encontra a anos-luz de qualidade dos americanos.



O DPolitik está com uma nova parceria

Acesse já a página do Internacionalmente e siga no Instagram! Você terá acesso a várias informações, cursos e muito mais sobre o mundo das RI!

internacionalmente.com.br
[@internacional.mente](https://www.instagram.com/internacional.mente)



...dido quando alguém perguntou "O que faz um profissional de Relações Internacionais? Você não está sozinho(a). E sim, existem respostas simples e rápidas para quem quer saber qual internacionalista que gosta de respostas fáceis? Aqui nós compartilhamos ideias, projetos, financiamentos e oportunidades para estudantes e profissionais de Relações Internacionais. Esse é um verdadeiro guia para qualquer profissional de Relações Internacionais."



Carreira

Para alcançar uma carreira internacional você precisa apenas de excelência acadêmica



Atualidades

Todo internacionalista precisa se manter atualizado(a) sobre as movimentações da

A CORRIDA À

A menos de um mês das
eleições americanas
a disputa entre o burro
(democratas)



CASA BRANCA

e o elefante
(republicanos)
se acirra cada
vez mais



O sistema eleitoral americano

eleições presidenciais

O sistema eleitoral americano é um pouco confuso tanto para americanos quanto para estrangeiros. Com várias regras e variações de estado para estado, vamos tentar resumir abaixo os pontos altos para que você possa entender como funciona o processo de seleção do presidente do Estados Unidos.

Bipartidarismo

Nos EUA, você provavelmente já ouviu falar sobre os partidos Republicano e Democrata. Esses são os dois maiores partidos do país, tão grandes que garantem aos Estados Unidos a alcunha de um “país bipartidário” por muitos. Mas, na verdade, os EUA é um país que não tem apenas dois partidos, mas vários.

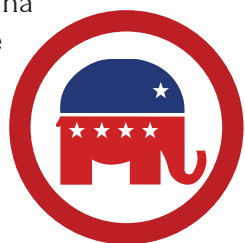
A Constituição americana não previa a criação de partidos inicialmente, já que eles eram abominados pelos chamados “pais fundadores” do país. O próprio George Washington foi um dos que defendeu a não criação de partidos, falando de seus perigos – mesmo em seu “discurso de despedida” publicado no jornal American Daily Advertiser em 1796.

Mesmo assim, os EUA contaram com 5 sistemas de partidos. O primeiro entre 1792 e 1824 contava com o Partido Federalista e o Partido Democrático

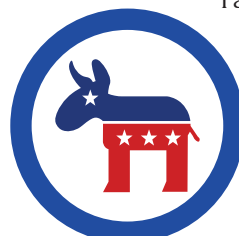
Republicano (ou ainda Republicano Jeffersoniano). O segundo sistema, entre os anos 1820 e 1850, viu a competição entre os partidos Democrático e Whig.

Nesta época, porém, já havia alguns partidos menores como o Partido Antimaçônico, o Partido Liberdade (que era abolicionista e apareceu em 1840) e o Partido Solo Livre (também contra a expansão da escravidão). O terceiro, indo de 1854 aos anos 1890, representou a ascensão dos partidos Democrata e Republicano – que se mantém até a atualidade. No começo dos anos 1890, porém, surgiu o chamado

Partido Popular (ou Populista) que se mostrou uma força importante no sul e oeste do país. Pequenos partidos também apareciam, mas não ganhavam muita força fora da esfera local.



REPUBLICANOS

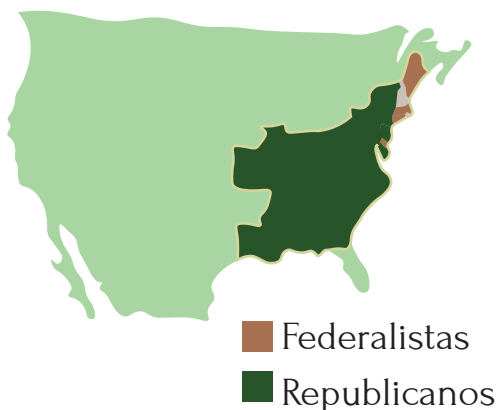


DEMOCRATAS

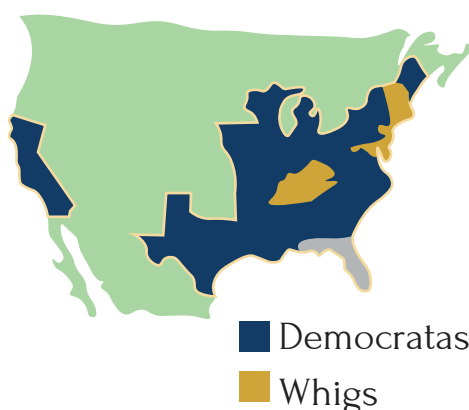
A partir de 1896, começa o chamado quarto sistema político que tem a consolidação dos partidos Democrata e Republicano que perduram neste e no próximo sistema (o quinto). Haveria mesmo um sexto sistema, iniciando nos anos 1980. Cada período é marcado por momentos de ênfase na política dos países, como a reconstrução depois da guerra civil e a grande depressão. Partidos pequenos ainda continuam existindo, mas, como pode se ver nos mapas, os dois maiores sempre se sobressaíram nacionalmente.

Evolução da preferência partidária nas fases históricas

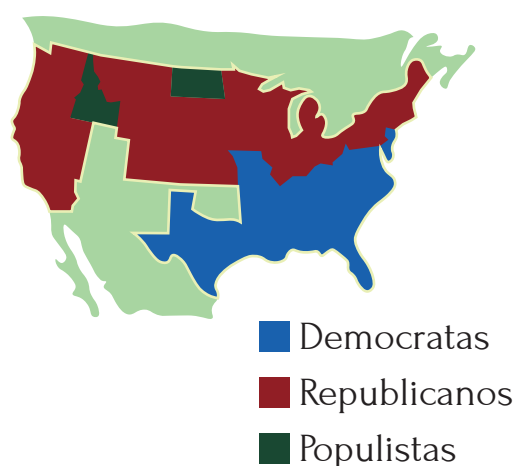
Fase I
1792-1824



Fase II
1825-1853



Fase III
1854-1890



Superdelegados

O termo “superdelegado”, que oficialmente se chama “delegado não-alinhado”, é normalmente usado para se referir a este tipo de delegado do partido democrata, por mais que também haja esse tipo no republicano. Esses delegados são normalmente ex-titulares de cargos eletivos ou funcionários do partido. Sua existência, porém, causa por vezes controvérsias, porque os superdelegados não precisam votar no candidato que foi mais votado no estado que representam, ou seja, eles são livres para votar em quem eles quiserem - até mesmo candidatos fora da corrida presidencial.

Normalmente, os delegados comuns (ou delegados alinhados) votam naquele candidato que obteve mais votos no estado que representa. Em alguns estados, há leis que proíbem o delegado de escolher um outro candidato que não tenha ganhado no voto popular. Esses são chamados de “delegados desleais” e podem ter que pagar multas, sofrer censura no partido ou mesmo ter seu voto invalidado. O voto dos delegados é público e, por isso, pode-se aplicar sanções àqueles que não cumprirem com seu dever.

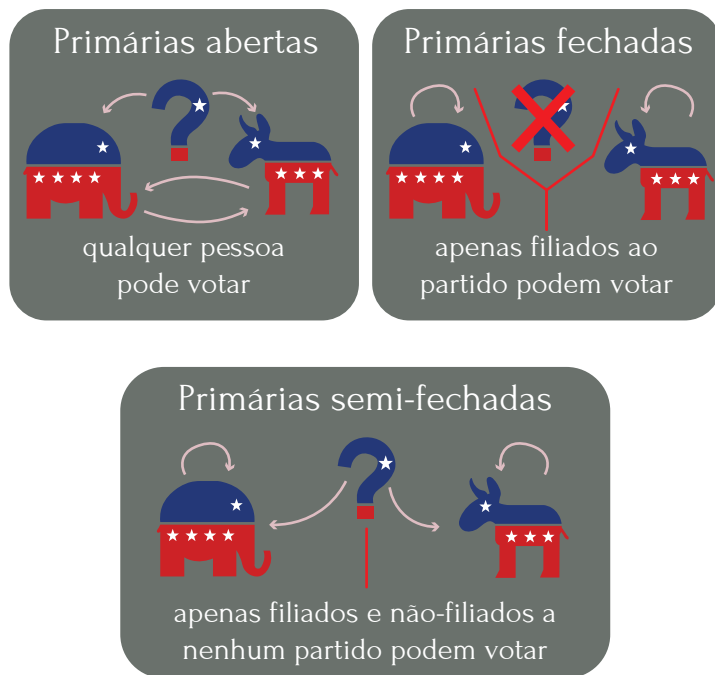
Primárias ou “caucus”

Antes da eleição no final do ano, os americanos vão às urnas ou a reuniões partidárias para escolher quem serão os candidatos à presidência por partido. A isto se dá o nome de “primárias”, ou seja, uma eleição prévia de quem representará o partido no pleito nacional. Há duas formas como esta pré-eleição se dá: pelo voto normal (assim como no dia das eleições) e pelo sistema de “caucus”. Este último é uma reunião realizada pelo partido na qual os eleitores escolhem o candidato que preferem ou levantando a mão ou simplesmente se aglomerando em grupos - cada participante tem um voto.

Saber quem pode participar de uma primária também varia (mesmo entre estados). Há três tipos: as primárias abertas, fechadas e as semi-fechadas. No primeiro tipo, todos, independentemente da filiação partidária, podem votar. No segundo, apenas pessoas filiadas ao partido podem votar e, no último, pessoas que do partido e não filiadas a nenhum partido podem votar. Numa primária semi-fechada, um eleitor filiado ao partido republicano só poderá votar na primária do partido republicano, por exemplo.

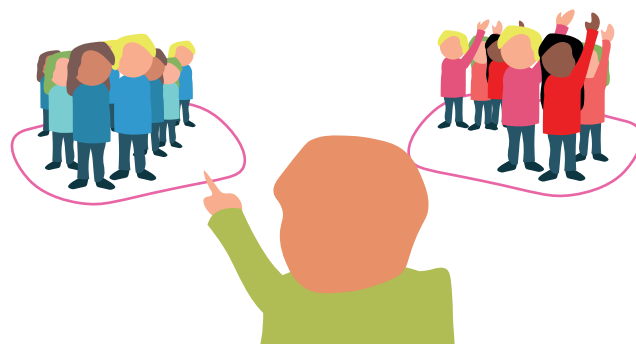
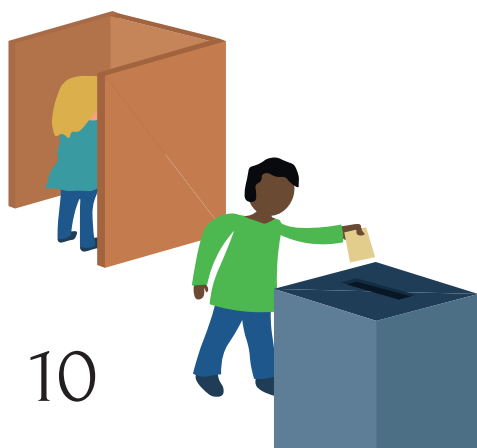
É preciso lembrar que as primárias, como os caucus, não são votações administradas pelo Estado americano, mas pelos partidos! E por isso, eles podem fazer as regras como quiserem. Afinal, a primária serve para escolher quem será o candidato à presidência e não o presidente!

Tipos de primárias



Primárias

Caucus



A superterça

As primárias acontecem em momentos diferentes ao longo dos estados dos EUA. O primeiro estado onde acontece a eleição primária é em New Hampshire, que tem uma lei que garante que as primárias no estado ocorram sete dias antes de qualquer eleição similar - em Iowa acontece o primeiro “caucus” dos EUA que não é considerado uma primária e, por isso, o de New Hampshire não ocorre antes de Iowa. Ser um dos primeiros estados a dar a ideia de quem será o candidato do partido, dá normalmente uma maior importância ao estado, já que eles darão o tom da corrida - quando a primária acontecer no último estado, os candidatos provavelmente já terão sido escolhidos e o estado perde relevância.

Assim, para aumentar sua relevância, vários estados começaram a coordenar as datas de suas

primárias para fazer com que os candidatos desse mais atenção a essas regiões. A primeira “superterça”, na verdade, foi um conjunto de terças em 1984. A “superterça III” contou com cinco estados: Dakota do Sul, Novo México, Virgínia Ocidental, Califórnia e Nova Jersey. Em 1988, a superterça foi mais considerada a “primária dos estados do sul”, já que nove estados do sul realizaram suas primárias na mesma data (8 de março).

Assim, num único dia, candidatos podem ser catapultados, ganhando vários delegados, ou mesmo perceber que não têm muitas chances e deixar a campanha. Então, a superterça é um dia importante e, às vezes, mesmo decisivo para a campanha de alguns candidatos.



O voto nos EUA

Diferentemente do que estamos acostumados no Brasil, nos EUA, não há obrigatoriedade de voto. Isso quer dizer que os candidatos, além de ter que convencer os eleitores a votarem neles, têm de convencê-los a pelo menos ir votar! Em média, da eleição de 1960 até a de 2016, pouco mais da metade (55%) dos eleitores americanos participaram nas eleições presidenciais - tendo o menor nível em 1996, quando apenas 49% dos eleitores opinaram em quem deveria assumir a Casa Branca.

Além disso, o sistema eleitoral americano tem algumas ferramentas que também não estão presentes aqui nas terras tupiniquins. Uma delas é o voto por correio. As regras para que um eleitor possa votar dessa maneira variam de estado para estado, mas no geral, as pessoas têm de se cadastrar - assim como fariam para participar pessoalmente das eleições - e requerer uma cédula de votação (no Estados Unidos, a maioria dos locais tem algum sistema de votação que usa apenas papel).

Ao receber a cédula, o eleitor só precisa marcar os candidatos, assim como faria presencialmente. Depois, basta enviar pelo correio para a

central.

Em especial neste ano, por causa da pandemia do coronavírus, o voto por correio vai ser uma ferramenta essencial para que milhares (até milhões) de americanos consigam votar. O sistema, que já está disponível desde a Guerra Civil americana em 1861, não é conhecido por representar fraudes.

A modalidade, porém, tornou-se polêmica política neste ano, já que o atual presidente Donald Trump vem afirmando que a eleição será fraudada por meio do voto por correio. O Departamento de Segurança Nacional dos EUA divulgou um boletim em setembro no qual afirma que a Rússia tentará espalhar notícias falsas de que o voto pelo correio não é seguro com o intuito de desacreditar o processo eleitoral.

Dentro deste grande processo americano, recheado de peculiaridades e regras que variam de acordo com o local e o tempo, a batalha pelo cargo de chefe do executivo da grande superpotência mundial será acirrada em novembro.

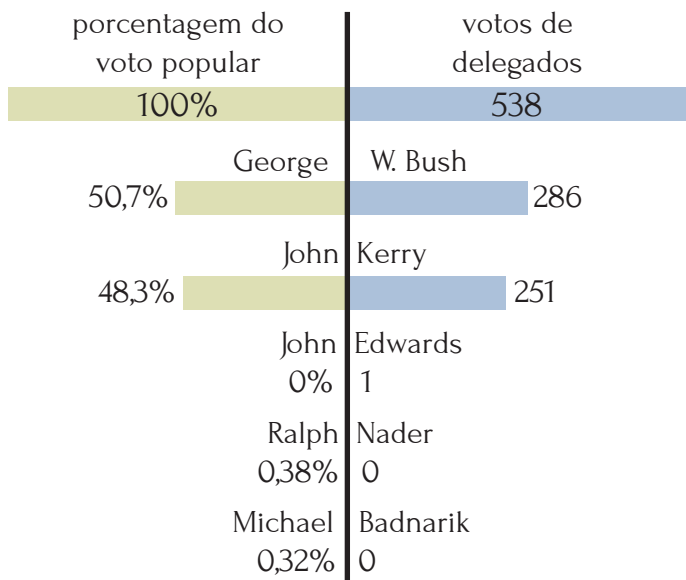
Eleições americanas

candidatos das últimas eleições

Como você leu anteriormente, nos EUA há mais que dois partidos, por mais que apenas os dois maiores realmente disputem a corrida presidencial.

Eleições 2004

participação: 56,70%



Michael Badnarik
vice: Richard Campagna

Partido Libertário
Durante a campanha, Badnarik foi preso junto com o candidato do Partido Verde por terem protestado contra a exclusão de outros partidos dos debates presidenciais. Opunha-se à proibição do casamento LGBT e do aborto e à guerra no Iraque. Era a favor da redução ao porte de armas.



Michael Peroutka
vice: Chuck Baldwin

Partido da Constituição
Peroutka foi copresentador do programa de rádio The American View. Obteve 0,12% dos votos e defendia que os EUA têm uma herança cristã que deve ser refletida no governo. Opunha-se ao aborto, a uma Emenda Federal de Casamento e à guerra no Iraque. Colocava-se a favor do livre mercado, do porte de armas e da educação domiciliar.



Partido Socialista
Com Walt Brown como candidato à presidência, obteve 10,8 mil votos.

Outros partidos como o Partido Socialista dos Trabalhadores e o Liberdade Cristã obtiveram entre 2 mil e 3 mil votos.

Veja abaixo os candidatos e os resultados das últimas eleições presidenciais americanas.



George W. Bush (eleito)
vice: Dick Cheney

É possível notar a influência que os eventos de 11 de setembro tiveram na campanha de reeleição de Bush. Como mudança em relação as propostas de 2000, observa-se uma política externa direta, intensa e ofensiva, direcionada ao combate do terrorismo, colocando os EUA como líder nessa luta. Na política externa, Bush delinea 3 pilares para defesa nacional, todos ligados ao combate ao terrorismo. Com uma plataforma conservadora, ele fez propostas contra o aborto e a defendendo o casamento apenas heterossexual.



John F. Kerry
vice: John Edwards

Mesmo crítico à atuação de Bush no Iraque, Kerry concorda que é vital a reconstrução da nação iraquiana e treinamento de tropas locais para proteção do país. Possui propostas para lidar com o terrorismo, para expandir o multilateralismo norte-americano, disseminar a democracia no Oriente Médio e reduzir a dependência dos EUA do petróleo das nações da região. Ao contrário de Bush, Kerry defendeu mais direitos civis para a comunidade LGBT e apoiou causas pró-aborto. Um delegado desleal de Minnesota deu um voto para seu vice, Edwards, para o cargo de presidente.

Independente



Ralph Nader
vice: Peter Camejo

Pela terceira vez, Nader tenta concorrer ao cargo de presidente (a primeira vez foi em 1996, e a segunda, em 2000). Ele propôs uma reforma política e econômica. Como questão mais importante, Nader queria acabar com a guerra no Iraque e retirar as tropas norte-americanas do país. Além disso, defendia um salário-mínimo para as famílias.

Outros partidos



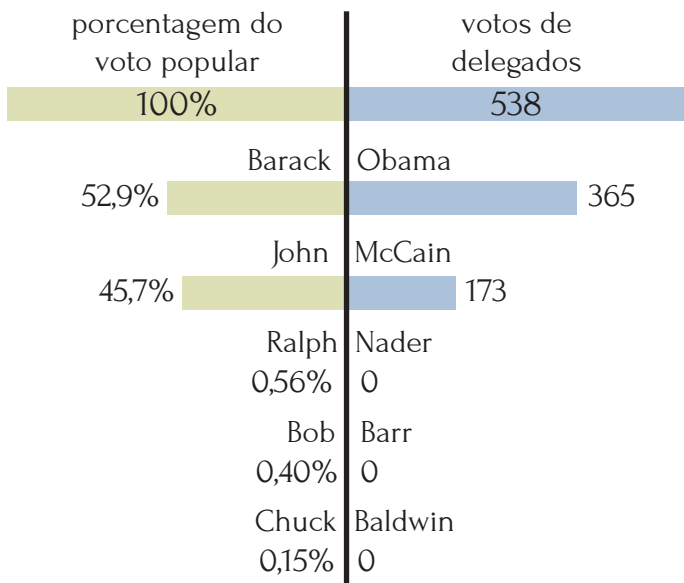
Partido Verde
Com David Cobb à frente da chapa, obteve apenas 0,10% dos votos populares.



Partido da Paz e da Liberdade
Teve Leonard Peltier como candidato à presidência e obteve 0,02% dos votos.

Eleições 2008

participação: 58,23%



Independente



Ralph Nader

vice: Peter Camejo

Tentando pela quarta vez sua candidatura à Casa Branca, Nader terminou, mais uma vez, em terceiro lugar.



Partido Libertário



Bob Narr

vice: Wayne Allyn Root

Apresentou-se como uma alternativa conservadora a John McCain, enfatizando sua oposição ao Partido Republicano por seu posicionamento em relação à Guerra no Iraque e sobre a Lei Patriota dos EUA. Defendeu a segurança nas fronteiras e a restrição fiscal, opondo-se à Lei de Estabilização Econômica de Emergência de 2008.



Partido Verde



Cynthia McKinney

vice: Rosa Clemente

Em campanha iniciada pelo YouTube, as propostas de McKinney concentraram-se nas questões de discriminação racial, nos ataques de 11 de setembro, no apoio à criação de um estado para o Distrito de Colúmbia, nas reparações devidas por causa da escravidão, nas reformas eleitorais como votação instantânea no segundo turno e apelos para a abolição da pena de morte e da Guerra às Drogas. McKinney conseguiu 0,12% dos votos populares.



Barack Obama (eleito)

vice: Joe Biden

Obama foi o primeiro afro-americano eleito nos EUA. Enfatizou a retirada das tropas americanas do Iraque, o aumento a independência energética estadunidense, a diminuição da influência de lobistas e promoção da saúde universal. Durante a campanha, ao longo e após sua presidência, sua elegibilidade foi questionada pelo movimento "birther", que duvidava da sua naturalidade estadunidense - argumento sustentado predominantemente por conservadores e indivíduos racistas.



John McCain

vice: Sarah Palin

McCain tinha propostas que incluíam questões de segurança nacional, reforma educacional, independência energética e cortes de impostos para estimular a economia. Ele nasceu na zona do Canal do Panamá, e caso eleito, teria se tornado o primeiro presidente nascido fora dos estados contíguos do país. Isso também levantou questões sobre sua elegibilidade, mas uma revisão legal bipartidária e uma resolução unânime, mas não vinculativa do Senado, concluíram que ele era um cidadão nato.



Partido da Constituição



Chuck Baldwin

vice: Darrell Castle

Em sua campanha, Baldwin destacou o globalismo como a principal ameaça aos EUA. Afirmou que a imigração, a ONU, a OTAN, o NAFTA, o CAFTA, a União da América do Norte, a guerra no Iraque e a ameaça da China estariam conectados pelo globalismo.



Partido Independente Americano



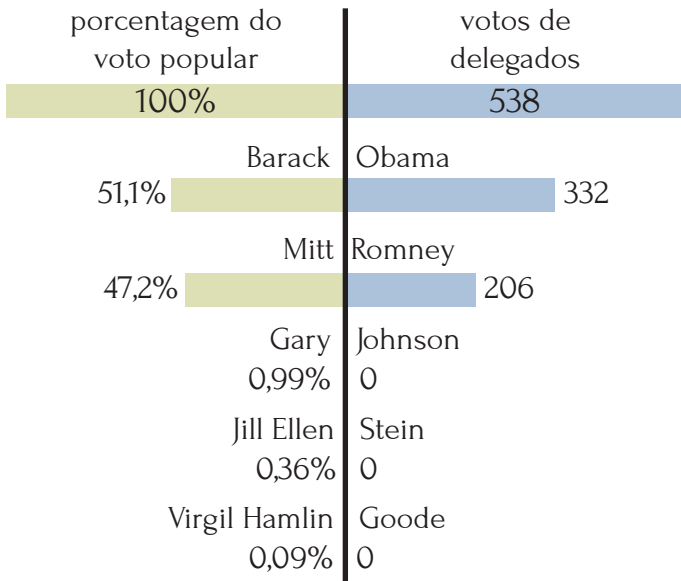
Alan Keyes

vice: Wiley S. Drake

Antes de ser o candidato à presidência do Partido Independente da América, Keyes tentou tornar-se candidato pelo Partido Republicano e pelo Partido da Constituição. Keyes obteve 0,04% dos votos populares.

Eleições 2012

participação: 54,87%



Gary Johnson

vice: Richard Campagna

Partido Libertário

Anunciou via Twitter que concorreria à Casa Branca. Recebeu 1,2 milhão de votos populares (0,99% do total) sendo este o resultado de maior sucesso para um candidatura presidencial de terceiros desde 2000, e o melhor resultado na história do Partido.



Jill Stein

vice: Cheri Honkala

Partido Verde

Stein e Honkala foram presas depois de tentarem entrar na Universidade Hofstra, local do debate presidencial do dia 16 de outubro de 2012. Elas protestavam contra a exclusão de partidos políticos menores dos debates, como o Partido Verde, dos debates.



Roseanne Cherrie Barr

vice: Cindy Lee

Partido da Liberdade e da Paz

Comediante com controvérsias nas costas, Barr declarou num programa de TV que participaria das eleições. Também afirmou que se candidataria a primeira-ministra de Israel. Ela perdeu a candidatura do partido verde para Stein e a criticou diversas vezes por isso. Teve disavencas com sua vice que levaram Cindy a querer tirar seu nome da chapa, mas, já que o partido disse que era tarde demais, as duas concorreram juntas. Elas obtiveram 0,05% dos votos.



Barack Obama (eleito)

vice: Joe Biden

Como presidente, aos poucos encerrou a participação dos EUA na Guerra do Iraque, assinou a Lei de Proteção ao Paciente e Cuidados Acessíveis (conhecida como Obamacare) e promulgou muitos atos para criar empregos públicos para ajudar a economia. Foi o primeiro presidente a expressar abertamente apoio ao casamento gay, a propor o controle de armas e abrir relações diplomáticas com Cuba. Além disso, sua campanha de reeleição foi a primeira a utilizar o Facebook e Twitter como meios de promoção, contratando trabalhadores de startups de tecnologia em vez servidores da esfera política para gerenciamento das redes.



Mitt Romney

vice: Paul Ryan

Foi o primeiro membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a ser escolhido como representante para corrida presidencial por um grande partido. Propôs reduzir a regulamentação governamental das atividades empresariais e revisar o código tributário federal, assim como as políticas federais de comércio e energia. Isso levaria à criação de um ambiente que geraria 12 milhões de empregos pelas empresas em seus primeiros quatro anos como presidente.



Virgil Goode

vice: Jim Clymer

Partido da Constituição

Sofreu críticas de que sua campanha funcionaria como um "spoiler" já que seu objetivo seria "roubar" os votos de Mitt Romney, para ajudar Barack Obama a se reeleger.



Rocky Anderson

vice: Luis Javier Rodriguez

Partido da Justiça

Concorrendo pelo partido criado um ano antes, Anderson recebeu 43.018 votos populares, equivalente a 0,03% do total.

Outros partidos



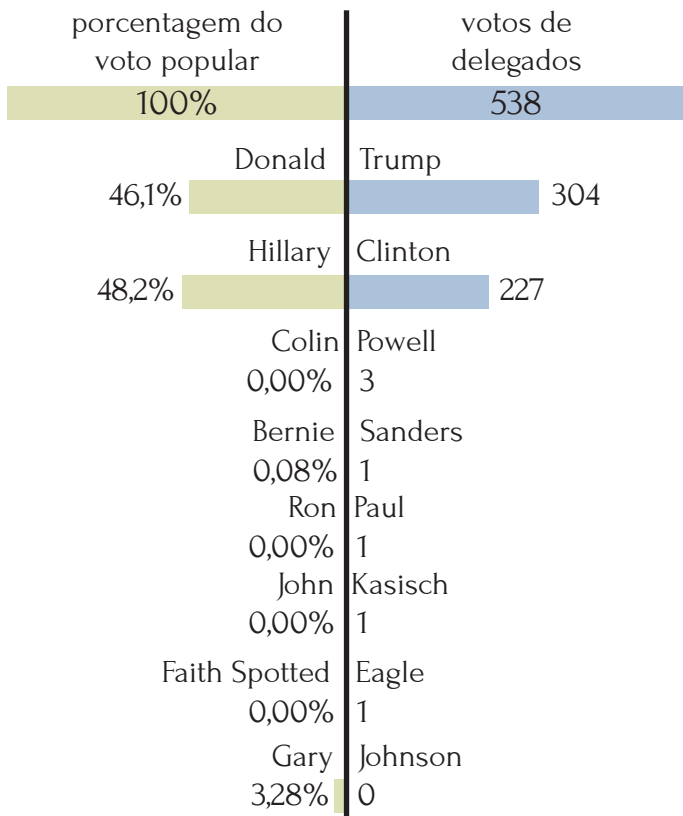
Partido Independente Americano
Obteve 40.628 votos (0,03%) com Thomas Hoefling à frente da chapa.



Partido Reformista
Obteve 956 votos (0,01%) com Andre Nigel Barnett como candidato à presidência.

Eleições 2016

participação: 55,67%



Partido Libertário



Gary Johnson

vice: Bill Weld

Johnson e Weld formaram uma chapa de governadores (algo que não acontecia desde 1948). Superaram os votos populares de Johnson da eleição de 2012, recebendo 4,5 milhões de votos nacionalmente, marcando a corrida presidencial mais bem-sucedida dos Libertários até o momento.

Delegados desleais

Como se pode ver no gráfico, vários candidatos receberam votos de delegados, mesmo que não tivessem expressão eleitoral. Esses votos foram dados por delegados desleais. Colin Powell, que recebeu 3 votos que deveriam ter ido para Clinton, é um ex-diplomata e ex-general. Os delegados tiveram que pagar uma multa de mil dólares. Bernie Sanders, que perdeu nas primárias para Clinton, recebeu três votos (que deveriam ter ido para Clinton), mas dois deles foram anulados. Ron Paul e John Kasisch receberam um voto cada de delegados do Texas que deveriam ter votado em Trump. Faith Spotted Eagle, uma nativa americana da Nação Yankton Sioux que é também ativista e política, recebeu um dos votos de Washington que deveriam ter ido para Clinton.



Donald Trump (eleito)

vice: Mike Pence

Os analistas políticos inicialmente não levaram sua campanha a sério, porém Trump rapidamente subiu ao topo das pesquisas de opinião. As propostas que foram mais amplamente divulgadas eram sobre questões de imigração e segurança de fronteiras, como a proposta de criação de um muro na fronteira do México com os EUA e a proibição da entrada de pessoas muçumanas estrangeiras. Trump fez muitas declarações falsas, se comparado a outros candidatos, e a oposição contra sua eleição cresceu entre os democratas e inclusive entre os republicanos, que o viam como prejudicial para o partido.



Hillary Clinton

vice: Tim Kaine

Clinton se tornou a primeira mulher indicada para concorrer à presidência estadunidense por um partido político importante e a primeira mulher a ganhar o voto popular em uma eleição presidencial americana. Sua campanha concentrou-se em temas como o aumento da renda da classe média, expansão dos direitos das mulheres, reforma do financiamento de campanha e melhoria da Lei de Cuidados Acessíveis (Obamacare). Apoiou direitos civis para pessoas LGBTQs, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo, consagrado na constituição. Foi a favor da manutenção da influência dos EUA no Oriente Médio e contra a proposta de Trump de banir pessoas muçumanas do país.



Partido Verde



Jill Stein

vice: Cheri Honkala

Afirmou durante sua campanha de 2016 que os partidos Democrata e Republicano eram corporativos, e que se preocupada com a ascensão do neofascismo e neoliberalismo dentro do Partido Democrata, afirmando que para acabar com o primeiro seria necessário acabar com o segundo. Foi presa em 7 de setembro por pintar com spray uma escavadeira durante um protesto no estado de Dakota. Ela conseguiu 1,07% dos votos (quase 1,5 milhão).

Outros partidos



Partido da Constituição

Obteve 203 mil votos (0,15%) com Darrell Castle à frente da chapa.



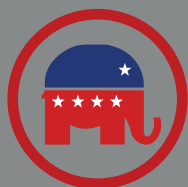
Partido pelo Socialismo e Libertação

Obteve 74 mil votos (0,05%) com Gloria La Riva como candidata à presidência.

a eleição americana de 2020

Após ter observado como funciona o sistema eleitoral americano e ter visto um panorama das últimas eleições do país, veja abaixo agora uma pequena descrição dos candidatos à presidência

deste ano. Mais uma vez, você verá os dois principais candidatos do partido republicano e democrata, mas também alguns candidatos de outros partidos menores.



Donald Trump

74 anos
Empresário, apresentador de televisão e atual presidente dos EUA

1. Política Migratória: defesa de uma política migratória bastante restrita, especialmente para latinoamericanos. O maior símbolo da política migratória de Trump é a defesa da construção de um muro na fronteira dos EUA com o México.

2. Papel Social do Estado: defende um Estado pouco atuante em questões sociais. Na saúde, a sua principal promessa é a derrubada do Obamacare (Affordable Care Act). Em junho de 2020, o presidente solicitou a inconstitucionalidade do programa.



Mike Pence

61 anos
Ex-membro da Câmara dos Representantes, ex-governador de Indiana e atual vice-presidente dos EUA

3. Política Externa: a política externa de Trump tem sido regida pelo afastamento dos EUA em relação aos espaços de cooperação multilateral. Em meio à crise da Covid-19, anunciou a retirada formal dos EUA da OMS, a qual terá efeito a partir de julho de 2021.

4. Economia: defende o fortalecimento das manufaturas instaladas em solo nacional e uma postura mais protetiva diante da China, ambas com o objetivo de gerar mais postos de trabalho no país.



Joe Biden

77 anos
Ex-senador de Delaware, ex-vice-presidente dos EUA

1. Política Migratória: defesa da reversão na política migratória de Trump, a qual Biden afirma ser uma política cruel e insensível

2. Papel Social do Estado: defesa de um Estado mais atuante em questões sociais. Biden propõe a continuidade do Obamacare (Affordable Care Act), programa que visa permitir que mais estadunidenses possam ter acessos aos planos de saúde.

3. Política Externa: defende o retorno ao Acordo de Paris (o presidente Trump anunciou a saída dos EUA



Kamala Harris

55 anos
Ex-procuradora-geral da Califórnia, atual senadora da Califórnia

do acordo em 2017), a renovação do comprometimento com o controle de armas e o fim das guerras eternas no Afeganistão e no Oriente Médio.

4. Economia: assim como Trump, defende o fortalecimento das indústrias instaladas em solo nacional e uma postura mais protetiva diante da China, ambas com o objetivo de gerar mais postos de trabalho no país.



Partido Libertário



Jo Jorgensen
63 anos
Professora na Universidade de Clemson

1. Papel do Estado: defesa do Estado mínimo. De acordo com Jorgensen, uma administração libertária incentivaria a resolução dos problemas pela lógica do livre mercado.

2. Economia: tem defendido o retorno dos recursos que o governo forneceu às grandes corporações e uma redução de impostos para incentivar a geração de empregos.



Jeremy "Spike" Cohen
38 anos
Empreendedor e podcaster

3. Segurança Pública e Descriminalização das drogas: a candidata defende o fim da guerra às drogas e o afastamento do governo federal em questões relacionadas à segurança pública. Segundo a candidata, o policiamento é uma questão local.



Partido Verde



Howie Hawkins
67 anos
Líder de movimentos trabalhadores e antiguerra

1. Economia e Meio Ambiente: tem como principal bandeira o Green New Deal, um conjunto de medidas para o combate às mudanças climáticas e desigualdade social.

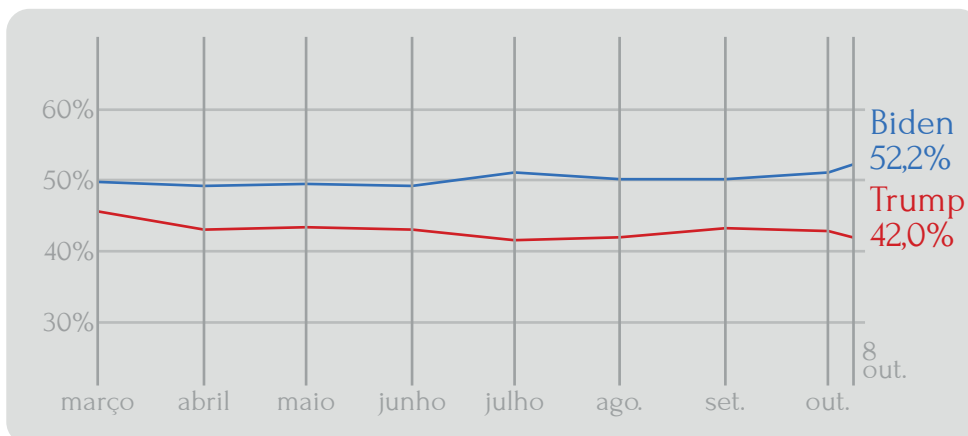
2. Sistema Tributário: defende um sistema tributário mais progressivo, que taxe com mais severidade as grandes fortunas.



Angela Walker
46 anos
Líder de movimentos trabalhistas negros nos EUA

3. Papel Social do Estado: Hawkins vê a saúde como um bem público e tem defendido uma maior intervenção do Estado na provisão de saúde aos estadunidenses.

Evolução das pesquisas eleitorais em 2020



Fonte: FiveThirtyEight

Assim como no Brasil, nos EUA as pesquisas eleitorais também funcionam como termômetro antes das eleições. Neste ano, Biden aparece sempre à frente da corrida eleitoral.

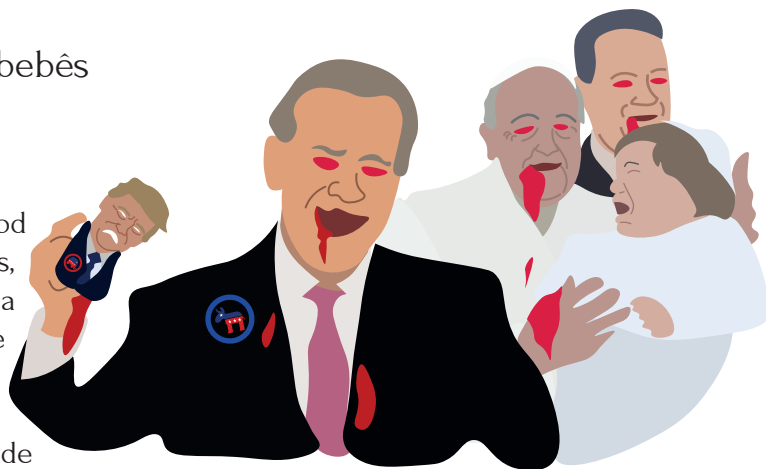
Depois de várias pesquisas apontando para a vitória de Hillary Clinton em 2016, porém, é preciso ter em mente que a vitória nas pesquisa pode não se traduzir na vitória nas urnas.

Sociedade secreta que bebe sangue de bebês contra Trump

Onde: Estados Unidos

Imagine que o papa, estrelas de Hollywood como Tom Hanks e os democratas americanos, sobretudo Joe Biden, se encontram no porão de uma pizzaria para fazer rituais satânicos, beber sangue de crianças e, o pior de tudo, conspirar contra o governod e Donald Trump! Esta é a teoria da conspiração que roda atualmente entre os eleitores de

Trump e é chamado de movimento “QAnon” (pronunciado /kjuanon/). O FBI já alertou que o movimento pode ser uma possível fonte de terrorismo doméstico - sendo a primeira vez que uma agência categoriza um grupo de teoria de conspiração dessa maneira. Trump já retuitou ou mencionou tuites feitos por contas ligadas ao movimento. Em resposta a um repórter que lhe perguntou qual era sua opinião sobre o grupo que afirma que ele “está secretamente salvando o mundo desse culto satânico de pedófilos e canibais”, Trump respondeu que não havia ouvido isso, mas que “era uma coisa boa”. Em outra ocasião, o presidente afirmou que “não sei muito sobre o movimento, mas eu entendo que eles gostam muito de mim e eu gosto disso”.



Falta de educação chancelada pelo governo

Onde: Alemanha

Se você estivesse querendo fazer um passeio por Berlim em meio à pandemia, você se depararia com cartazes com uma senhorinha lhe dando o dedo do meio. A ideia é sim xingar o turista, ou mesmo o berlinense, que não segue as medidas de prevenção ao coronavírus. A agência de turismo da capital alemã, Visit Berlin, afirmou em entrevista ao jornal inglês “The Guardian” que gostaria de “usar uma linguagem que se encaixasse no caráter berlinense e que sublinhasse a dramática situação da pandemia”. No cartaz lê-se: “o dedo do meio levantado para todos aqueles sem máscara. Nós mantemos as regras contra o coronavírus” seguido da hashtag “Berlim contra o coronavírus” (#berlingegencorona). Reações contra a campanha surgiram. O secretário geral do partido de centro-direita “Democratas Livres” afirmou que achou a campanha “arrogante e ofensiva”, enquanto um outro deputado afirmou que entrou com um processo contra a campanha por “incitação popular”.

Conte-nos o que está achando do DPolitik!



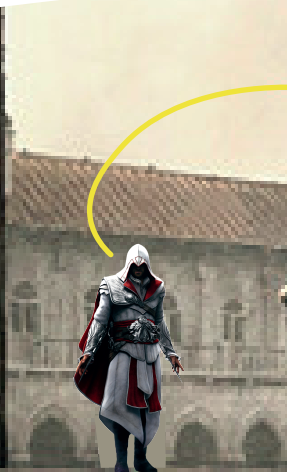
Queremos saber o que você está achando de nossa revista, suas sugestões e tudo que quiser nos dizer!

Siga-nos
no Instagram @dpolitik.br
no Twitter @dpolitik_br
ou entre em nosso portal
<https://dpolitik.com.br>


Assassin's Creed II

Assassin's Creed é uma famosa franquia de jogos eletrônicos de ação-aventura produzidos pela Ubisoft. Em português, o nome da franquia pode ser traduzido como "Credo dos Assassinos", uma referência ao principal grupo apresentada pelos jogos: os Assassinos. Embora toda a saga de Assassin's Creed seja ambientada em diferentes cenários históricos, demonstraremos


aqui o cenário da Itália renascentista em que o segundo jogo da franquia (Assassin's Creed II) é desenvolvido.



Ezio Auditore é um jovem membro de uma família rica de Florença. Ao longo da trama, Ezio descobre que seu pai fora um assassino que havia sido traído por um antigo amigo – Rodrigo Borgia, que se tornaria o Papa Alexandre VI. Jurando vingança pela morte do pai, Ezio se junta à Ordem dos Assassinos. Além de Rodrigo Borgia, é possível se deparar, ao decorrer do jogo, com outras figuras históricas da Itália renascentista como: Nicolau Maquiavel, Leonardo da Vinci, Lourenço de Médici, Catarina Sforza e Cesar Bórgia.



Nascido em Valência (Espanha), Rodrigo Borgia era de uma família bastante influente no meio religioso europeu. Era filho de Jofré de Borja e Isabell de Borja, irmã do cardeal Alfonso de Borja, que viria a ser o Papa Calisto III. Durante o papado do seu tio, Rodrigo Borgia foi feito cardeal aos 25 anos em 1456. Aos poucos foi adquirindo influência entre os clérigos ao ponto de se tornar, em 1492, o 214º Papa da Igreja Católica. O papado de Alexandre VI foi marcado por inúmeras polêmicas, a começar pela compra de votos de cardeais para que pudessem ser eleitos no conclave (eleição para escolha do novo papa).



O renascimento italiano foi um período histórico entre o século XIV e o século XVI que ficou caracterizado por grandes transformações no pensamento sociocultural da época, que teriam importantes impactos na economia, política e religião. O período é tipicamente classificado como uma transição entre a Idade Média e a Idade Moderna na Europa. Nomes mundialmente conhecidos na arte, literatura, política e ciência fizeram parte deste contexto histórico: Dante Alighieri (1265 – 1321), Giovanni Boccaccio (1313 – 1375), Sandro Botticelli (1445 – 1510), Leonardo da Vinci (1452 – 1519), Nicolau Maquiavel (1469 – 1527), Michelangelo (1475 – 1564), Galileu Galilei (1564 – 1642) e tantos outros.

Leonardo da Vinci é provavelmente o pintor mundialmente mais famoso, em especial por sua obra “Monalisa” - talvez o quadro mais famoso da história da arte. Além de pintor, da Vinci notabilizou-se por trabalhos como matemático, engenheiro, inventor, anatomista, escultor, arquiteto, botânico, poeta, músico e cientista. Em razão da pluralidade de habilidades que possuía é comumente referenciado como um grande exemplo de polímata (indivíduo que estuda ou que conhece muitas ciências).

Nicolau Maquiavel é popularmente conhecido por suas importantes contribuições ao pensamento e a ciência política moderna, especialmente na obra “O Príncipe”, na qual retrata com maestria os meios pelos quais um governante pode adquirir e manter-se no poder. Além de se dedicar a escrita filosófica e política, Maquiavel também desempenhou a função de diplomata na República Florentina da Itália por 14 anos.



Borgen

o que: série temporadas: 3 (30 episódios)

ano: 2010 - 2013

onde: Netflix duração de episódio: ~60 min

“Borgen” (em referência a Christiansborg, sede do parlamento dinamarquês, significa literalmente “o castelo” em português) é uma série dinamarquesa que acompanha a história de Birgitte Nyborg, a líder dos “Moderados” (um pequeno partido de centro) que, a alguns dias das eleições gerais do país, rompe com o Partido Trabalhista por defender a causa dos imigrantes. Nyborg então consegue garantir mais votos para seu partido, tornando-se a segunda maior força do Folketing (Parlamento Dinamarquês) e negociando para ser a primeira primeira-ministra mulher do país. A série aborda questões políticas do país e apresenta como funcionam as negociações dentro da monarquia constitucional dinamarquesa. Há quem diga que Nyborg é baseada na primeira primeira-ministra do país, Helle Thorning-Schmidt. Mas, enquanto Nyborg consegue alcançar o cargo já no começo da primeira temporada em 2010, Thorning-Schmidt só seria eleita no final do ano seguinte. Atualmente, quem ocupa o cargo é Mette Frederiksen desde 2019, a segunda mulher a governar a Dinamarca.

O Dilema Social (the social dilemma)

o que: documentário

duração: 94 min

onde: Netflix

ano: 2020

A Netflix lança um documentário que foi bastante comentado no universo que ele mais critica: nas redes sociais. Com a participação de ex-funcionários do Google, Facebook, Instagram e outras redes, o documentário apresenta os mecanismos já conhecidos por muitos que esses sites utilizam para não só manter a atenção de seus usuários como para colher suas informações. Além disso, o longa faz uma provocação importante sobre os problemas que esses mecanismos, que potencializam os interesses das pessoas de maneira perigosa, podem afetar o comportamento das pessoas na sociedade, sobretudo os efeitos negativos e polarizantes que elas têm sobre as democracias ocidentais. Trazendo os casos da eleição de Trump, Brexit ou mesmo a eleição de Bolsonaro no Brasil, o documentário apresenta a história de uma família e de como dois dos filhos acabam se envolvendo com movimentos radicais ou desenvolvendo depressão devido à manipulação das redes.

